

Um olhar para dentro: a perspectiva identitária em *a cor da ternura*, de Geni Guimarães

A look inside: the identity perspective in *a cor da ternura*, by Geni Guimarães

■ Emanuelle Valéria Gomes de Lima; Maria Simone Marinho Nogueira

RESUMO

A trajetória da Literatura infantojuvenil no Brasil é marcada por uma homogeneidade estética que pouco condiz com a diversidade e a pluriethnicidade existente no país. Há, portanto, uma disparidade de produções que elencam em seus enredos temáticas como racismo, sexismo etc. O cenário apenas começa a se modificar, especialmente, a partir dos anos 1990 e após a promulgação de Leis, como as Leis Federais 10.639/2003, alterada para 11.645/2008, ambas com o objetivo de disseminar a História e as Culturas africanas, afrodescendentes e indígenas na Educação Básica brasileira. Leis que se constituíram após pressão dos movimentos negros. Os efeitos da luta democrática de inserção do segmento negro e feminino se dão também no mercado editorial que, por longo período, dificultou a publicação das escritas marginalizadas, sobretudo, no campo infantojuvenil. Portanto, esse estudo visa analisar a obra mirim *A cor da Ternura*, de Geni Guimarães, mulher preta e pobre, que sobreviveu ao meio social racista e misógino, desenvolvendo um olhar para dentro de si mesma, que transborda em uma literatura sensível e lúdica. Através das perspectivas de autores como Hall (2002), hooks (2019), Kilomba (2019), entre outros, é que analisamos, sob a ótica da construção da identidade negra, a protagonista da obra, também denominada Geni.

Palavras-chave

Literatura infantojuvenil. Literatura afro-brasileira. Identidade.

ABSTRACT

The traject of infantile's and juvenile literature in Brazil is marked by a aesthetic homogeneity that not matches with the diversity and pluriethnicity existing in the country. So, there is a productions disparity that presentes (themes about racism, sexism, and so on in its plots). The cenary begins to modify, particularly since the years 1990 and after the promulgation of Laws as Federal Law 10.639/2003, changed to 11.645/2008, both with the objective of disseminating African, Afro-descendant and Indigenous History and Cultures in Brazilian Basic Education. These Laws were made after pressure from black movements. The democratic action effects of insertion of the black and female segment also takes place in the publishing market that for long time made it difficult to publish marginalized writings, especially in the field of infantile's and juvenile publishing. Therefore this paper wants to analise the book *A cor da Ternura* by Geni Guimarães, black and poor woman who survived the racist and misogynist social environment, developing a look inside herself, which overflows in a sensitive and playful literature. Throught from autor's perspectives like Hall (2002), hooks (2019), Kilomba

(2019) among others, we analyze the work's protagoniste, also called Geni, under the black identity construction point view.

Keywords

Infantile's and juvenile literature. Afro-brazilian literature. Identity.

Introdução

No Brasil, desde a implementação da Lei Federal nº 10.639/2003¹, observamos uma crescente evolução no número de produções literárias que trazem em suas temáticas práticas democráticas para a representação identitária pluriétnica do país. Dentre elas, notamos a presença de temáticas como o antirracismo, o empoderamento feminino e a disseminação de culturas, como é o caso das produções infantojuvenis de Kiusam de Oliveira, mencionadas em estudos anteriores, tais como: *Omo-oba: histórias de princesas* (2009), *O mundo no Black Power de Tayó* (2013), *O Black Power de Akin* (2021), entre outras.

No entanto, antes desse processo, também havia produções que tentavam abarcar esses temas quando, no Brasil, as discussões não tinham intenção de dar voz ao que, por longo período, foi calado pela sociedade, principalmente, no que diz respeito à Literatura voltada ao público mirim, campo praticamente ignorado pela crítica e pouco valorizado pelo mercado editorial. As discussões se tornam ainda mais preocupantes quando refletimos sobre o quanto determinadas parcelas da sociedade perderam em representatividade literária por negar debates em relação às culturas e às identidades negras.

Contra todos os parâmetros impostos pelo mercado capitalista – também na sua maioria racista e falocêntrico – uma escritora, em especial, consegue publicar seus livros, narrando poeticamente conflitos étnico-raciais existentes, inclusive, em nossa literatura. Geni Mariano Guimarães² possui, em seu conjunto de obras, poesias, contos e romances em literatura infantojuvenil, dentre os quais destacamos seu primeiro livro de poemas intitulado *Terceiro filho* (1979), assim como suas narrativas literárias *Leite de Peito* (1988) e *A cor da Ternura* (1989), sendo esta última analisada neste estudo. Após as discussões sobre raça e racismo serem abrangidas de forma mais intensa, é possível ter acesso às obras dessa escritora, mulher pobre e negra, que encontrou grande dificuldade para publicar seus

¹ Lei que garante a obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira nas Escolas de Educação Básica de Ensino no Brasil, instituída em 09 de janeiro de 2003.

² A autora além de poeta e ficcionista tornou-se professora, e a temática negra, bem como, a valorização da cultura afrodescendente são temas recorrentes em suas obras. Por ser de origem pobre e negra, Geni representa de forma mais íntima essa vivência em suas obras, demonstrando, assim, melhores chances de compreensão da situação afrodescendente no país.

escritos no Brasil. Fato que somente reforça o quão misóginos e racistas podem ser os espaços crítico-reflexivos de nosso país.

Por outro lado, a produção de Geni insere no mercado a percepção do seu corpo marcado pela dor e, ao mesmo tempo, rompe silêncios ao retratar questões socioculturais, demonstrando como o sujeito negro é profundamente marcado pelas ideologias de uma sociedade branca, reivindicando e ocupando um lugar outrora negado e negligenciado. Além disso, sua própria voz pode ser sentida em narrativas como *Leite de Peito*, como declara a autora em entrevista à revista americana *Callaloo*: “Escrevi porque eu tinha que registrar a vivência de uma família negra, porque este livro é autobiográfico, eu precisava falar dos meus traumas, das minhas dores e das minhas alegrias, eu tinha que colocar isso pra fora”.³

Dessa forma, falar sobre si a partir de uma escrita confessional negra e feminina torna a produção de Geni Guimarães uma força abundante na construção da história afrodescendente na literatura infantojuvenil, como retrata Maria Anória de Jesus Oliveira, pesquisadora da área, sobre a obra que analisaremos na próxima seção: “[*A cor da ternura*] é, sem sombra de dúvidas, uma obra muito rica de nossa literatura em termos temáticos, estéticos e poéticos, merecendo ser mais conhecida no mercado editorial e nos espaços escolares” (OLIVEIRA, 2009, p. 170).

Nesse livro, a escritora sintetiza fatos e situações que expõem a essência da narrativa, exaltando os pontos de maior importância. Portanto, a obra analisada é narrada em primeira pessoa e revela uma linguagem simples e despretensiosa. Além disso, são evidenciadas cenas cotidianas do ambiente rural durante todo o enredo. Em síntese, a obra trata da trajetória de vida da protagonista, também denominada Geni, e as fases narradas compreendem a infância, perpassam a adolescência e chegam à vida adulta da menina sonhadora que expõe seu universo interior aos leitores. O livro é dividido em dez capítulos, a saber: primeiras lembranças; solidão de vozes; afinidade: olhos de dentro; viagens; tempos escolares; metamorfose; alicerce; mulher; momento cristalino e, por fim, força flutuante.

Da infância à vida adulta: a personagem que via com os olhos de dentro

O primeiro capítulo da obra *A cor da ternura* descreve a infância de Geni e evidencia a relação de amor e carinho entre a menina e sua mãe. Suas primeiras lembranças revelam a admiração da protagonista pelos gestos da mãe e ressaltam uma imagem positiva da mulher negra: “Ela era linda. Nunca me cansei de olhá-la.” (GUIMARÃES, 1998, p. 13). Embora, ao mesmo tempo em que a

³ LITERAFRO. Geni Guimarães. *Literafro: o portal da literatura afro-brasileira*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/267-geni-guimaraes>. Acesso em 06/08/2022.

protagonista afirma chegar a deitar mais cedo para dormir só para reviver mil vezes o riso e pensar no doce cheiro de terra e mãe, já nas primeiras páginas do livro ela apresenta dúvidas em relação à cor de sua própria pele quando questiona:

- Mãe, se chover água de Deus, será que sai minha tinta?
 - Credo-em-cruz! Tinta de gente não sai. Se saísse, mas se saísse mesmo, sabe o que ia acontecer? – Pegou-me e, fazendo cócegas na barriga, foi dizendo: - você ficava branca e eu preta, você ficava branca e eu preta, você branca e eu preta... (GUIMARÃES, 1998, p. 10).

Tendo em vista as ideias de Hall (2002), em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, de que estamos formando constantemente nossos “eus” a partir do contato com os outros, como também de que a identidade só é uma questão quando estamos em crise, notamos o quão nítida é a situação de dúvida em que se encontra Geni, pois ao passo que é amada pela família e admira de todo o coração sua mãe, é, também, desprezada por outras pessoas ao longo da narrativa e já se sente segregada racialmente desde a primeira página do livro, visto que, em seu pensamento, é mais favorável para ela que sua “tinta” tenha a cor da inclusão, a cor que não surte efeitos negativos no espaço em que vive, para que assim possa definir o seu “eu” dentro de uma sociedade que discrimina.

Segundo Castells (2008), em *O poder da Identidade*, a partir da ação e da preservação da memória coletiva é que as comunidades locais são construídas e constituem fontes específicas de identidades, que lutam constantemente contra as condições impostas pelo ritmo incontrolável da sociedade global. Na produção, em questão, podemos notar as marcas dessas ações e dessas memórias coletivas, a partir de traços comuns da etnia a que pertencem Geni e sua família. Essas marcas se evidenciam quando é mencionado, já no primeiro capítulo, que a mãe trança o cabelo da menina enquanto as duas conversam, assim como quando as personagens manifestam suas crenças em benzimentos e remédios caseiros para a cura de doenças, ou quando afirmam que galinhas pretas só servem para despachos e, ainda, que o irmão recém-nascido de Geni só pode sair do quarto após sete dias, para não ser acometido pelo “mal-de-sete-dias”.

Percebemos, assim, traços socioculturais que desencadeiam ações importantes dentro da narrativa, visto que “ao longo da história da humanidade, a etnia sempre foi uma fonte fundamental de significado e reconhecimento.” (CASTELLS, 2008, p. 71). Tratando-se, assim, de uma das bases estruturais não só de reconhecimento social, como também de distinção e de discriminação de povos e indivíduos. Nesse sentido, a etnia de Geni é fator contribuinte para a sua exclusão, bem como para a negação de sua identidade negra, como veremos adiante.

Logo, no momento em que a mãe de Geni está prestes a dar à luz ao filho mais novo e geme de dor, a protagonista faz preces aos santos para que ela pare de sofrer, na condição de não mais xingar o

irmão de “diabo” e “cocô”, apenas o chamaria, daquele momento em diante, de “Jesus” e de “doce de leite”. Somente após oito dias do nascimento do irmão Zezinho é que Geni vai ao encontro dele, ela afirma: “Não achei bonito nem feio. Apenas senti um grande alívio quando me vi descompromissada de chamá-lo de Menino Jesus. *Era negro.*” (GUIMARÃES, 1998, p. 22, grifo nosso).

Nesse momento, notamos a ideia padronizada eurocêntrica que se tem da imagem de Jesus, universalizada em torno do homem branco de olhos claros – associado à bondade –, em detrimento da figura negra do irmão que, dentro desse contexto, jamais poderia ser comparada a Jesus, dando a entender que poderia muito bem ter ligação com o diabo – associado à maldade. Assim, Geni demonstra claramente que o fato de seu irmão ser negro significa que ele não pode ser bonito, tão pouco santo, pois sua fala sugere que o negro da pele se associa a algo negativo.

A partir disso, compreendemos a fala da garota como efeito do processo de fragmentação na busca pela formação do “eu”, que não é qualquer “eu”, pois se trata de um sujeito negro descobrindo os efeitos do racismo sobre seu próprio corpo. Nesse caso, Geni transfere ao seu irmão o que internalizou socialmente, como explicita bell hooks em seu livro *Olhares negros: raça e representação*:

Uma cultura de dominação exige a autonegação de todos os seus cidadãos. Quanto mais marginalizados, mais intensa a demanda. Uma vez que as pessoas negras, especialmente as mais pobres, são bombardeadas por mensagens de que não temos valor, de que não somos importantes, não é de surpreender que caiamos na armadilha do desespero niilista ou nas formas de vício que fornecem um escape momentâneo, ilusões de grandeza e libertação temporária da dor de encarar a realidade (HOOKS, 2019, p. 62).

Posto isso, o segundo capítulo da obra, intitulado *Solidão de vozes*, dedica-se, de forma breve, a expor a rotina da casa depois da chegada de Zezinho, bem como a saudade dos “detalhes perdidos” da família para com Geni, que se sente escanteada com a chegada do irmão. Sem espaço para perguntar besteiras, sem ter sua comida servida na boca, Geni adocece, e, para ela, a doença não é nenhuma lombriga que pode ser curada com chás, é apenas saudade de ser o centro das atenções. Após notar a preocupação de sua mãe, ela resolve se esforçar para melhorar a situação e agradar a todos, volta a comer e a sorrir, assim, consegue reunir todos em volta de sua cama, manifestando um momento singular de laços amorosos com a família.

Com efeito, a autora trata de questões conflitantes da vivência de uma criança. Além de sua nova alimentação, não mais a base de leite materno, surge a complexidade em entender a relação com a mãe. Além do mais, a partir do momento em que deixa de ser a filha caçula, Geni enfrenta o ciúme ao ver que o irmão toma para si a atenção de todos, isto é, já se nota uma mudança de comportamento na vida da protagonista e um confronto em relação a quem ela é a partir daquele instante. Questões

que fazem de *A cor da ternura* uma narrativa compatível com o mundo interior dos leitores mirins, que têm suas experiências emocionais, seus conflitos e seus desejos considerados, o que, de acordo com Regina Zilberman (2003), em *A literatura infantil na Escola*, é primordial para a construção de uma literatura infantojuvenil de qualidade.

Esses conflitos evoluem ou diminuem com o passar do tempo e o desenrolar de sua vida em sociedade, a partir do contato com os mundos exteriores. Portanto, sobre isso, Bauman (2005), ao se referir a formação do “eu”, em *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*, explica que, durante a construção de nossas identidades, os conflitos são inúmeros, amargos e violentos, assim, ameaçam constantemente a integração social, como também a segurança e a autoafirmação individual. Isso se torna ainda mais evidente quando voltamos nossos olhares para as identidades negras, em que “no mundo conceitual *branco* é como se o inconsciente coletivo das pessoas *negras* fosse pré-programado para a alienação, decepção e trauma psíquico, uma vez que as imagens da *negritude* (...) não são nada realistas, tampouco gratificantes (KILOMBA, 2019, p. 39, grifos da autora).

Já o capítulo *Afinidades: olhos de dentro* descreve o diálogo da menina com uma aranha que vive no telhado de sua casa e revela a criatividade da personagem, como também a presença da imaginação na narrativa, fator essencial nesse campo (Cf. COELHO, 2000). Nesse sentido, as conversas imaginadas por Geni demonstram a importância em reparar nas outras pessoas algo que está além de sua aparência. A partir disso, a autora reforça a ideia da valorização de nossas características naturais, e isso faz com que a protagonista perceba em seu irmão algo antes não notado, ela passa a vê-lo não mais como um rival e até afirma que seu hálito morno é “impregnado de perfume de primeira vez” (GUIMARÃES, 1998, p. 32), demonstrando, assim, uma reflexão crítica acerca dos nossos pré-conceitos e preconceitos. Pelo que entendemos dos estudos de Hall (2002), Bauman (2005) e Castells (2008), acerca de identidades sociais, percebemos que, por estar em constante formação, o “eu” da personagem central oscila em reconhecer características positivas sobre sua raça, quando em contato com sua família e menosprezá-las da mesma forma, quando em contato com a sociedade discriminatória na qual está inserida, como notaremos a seguir.

Geni aspira por ter plenitude de voz e de atitudes, isso sugere que, mesmo na condição de criança, a menina já parece perceber seu papel de mulher e negra silenciada e, por tantas vezes, oprimida pela sociedade. Para tanto, usa da imaginação para obter respostas que ainda não tem sobre o mundo e o que nele acontece. Para sua tristeza, a aranha com quem conversava é morta por alguém e, além do animalzinho, só resta Zezinho, com quem ela pode conversar e imaginar longos diálogos, mas, assim como os adultos, Zezinho só é capaz de lhe dar respostas óbvias e ela anseia por algo que não é visível, mas que se encontra dentro da capacidade de ver e sentir as coisas do mundo de maneira singular. Essa literatura desdobra situações radicadas no cotidiano da personagem, e, de acordo com

Coelho (2000), essa é uma tendência em que os ângulos de visão podem se manifestar em crítico/participativo, lúdico, humanitário, histórico ou memorialista e mágico, sendo muito importante para a formação cidadã o uso da imaginação na heterogeneidade da literatura infantil/infantojuvenil.

Por achar o comportamento dos animais coerente com o que acredita, Geni decide se comunicar somente através de sons próprios de animais. Para rir de algo, ela imita o som de coleirinhas, para negar algo, ela late, para pedir, mia, e, com isso, passa a ser vista pelos adultos de forma bastante negativa. A protagonista, enquanto criança, não tem suas emoções e sentimentos respeitados pela visão do adulto. Segundo as crenças de seu povo, o que acomete Geni é o “acompanhamento”, o espírito de Zumbi dos Palmares, líder da resistência negra contra os colonizadores portugueses, visto nesse contexto como o “coisa-ruim”, por ser negro, encontra-se ao lado direito da menina. Nessas configurações, Nogueira (2002), em seu livro *O Diabo no imaginário cristão* explica que o coisa-ruim é uma das denominações para o diabo, que se materializou na crença popular, portanto, não se deve nomeá-lo para não o invocar. Dessa forma, ao se remeter ao diabo, o chamam por inúmeros apelidos, dentre eles o coisa-ruim.

Além de aprender a rezar, carregar sobre o pescoço um crucifixo, dormir com o lado direito do corpo espremido contra o colchão de palha, a fim de espantar o espírito mau, a menina é rodeada de santos e santas que, como não poderia deixar de ser, protegem-na do mal, pois fazem parte de um mundo onde a cor clara de suas peles sugere sentimentos positivos. Esse fato também nos remete a algo importante, que deve ser evidenciado tanto nos livros de literatura infantil quanto na escola, que é a discussão sobre a intolerância religiosa, envolta no manto das mais variadas etnias. Na obra, a religião e as crenças de Geni e de sua família são citadas, e, talvez, por terem sido pouco difundidas, não discriminadas, o que é um fator positivo, pois demonstra que o não reconhecimento, bem como o desrespeito às crenças fere a liberdade e a dignidade humana.

Posto isso, influenciada pelas histórias que ouvia de Nhá Rosária, uma velha que narra fatos sobre o tempo da escravidão, Geni santifica a Princesa Isabel, enquanto que, como vimos anteriormente, demoniza Zumbi dos Palmares, visto que, ao nomeá-lo como coisa-ruim, põe em evidência construtos sociais que servem de controle para os oprimidos. Sendo assim, ela conta:

Rezei três pais-nossos e três ave-marias. Ofereci a Santa Princesa Isabel, pedindo-lhe que no dia seguinte não me deixasse perder a hora de levantar, nem esquecer o nariz sujo. Agradei-lhe também por ter sido tão boa para aquela gente da escravidão. Deitei-me, formulando uns versinhos na cabeça. Quando soubesse ler e escrever – que ela ia me ajudar –, escreveria no papel e recitaria na escola (GUIMARÃES, 1998, p. 51).

A preocupação de Geni em não se atrasar ou ir com o nariz sujo para a escola prenuncia o modo como a protagonista é obrigada a agir fora de casa, sempre se preocupando – mais que os colegas – em não errar. Geni tenta agradar para ser aceita ou, pelo menos, não ser tão discriminada. O fato de aprender na escola que a Princesa Isabel era quase como uma santa descia-lhe garganta abaixo, mas a personagem não discorda do que aprende com a professora – branca –, pelo contrário, ela concorda e agradece.

Conforme Nogueira (2002) postula acerca da evolução da denominação do diabo nas literaturas, notamos que, depois de “estabelecida uma mesma denominação comum, uma parte das doutrinas demonológicas, incorporadas à tradição helênica, penetrou entre os hebreus, associando-se às tradições orais, inundando as crenças judias de espíritos malfazejos” (NOGUEIRA, 2002, p. 22). Esses construtos, que atrelam aos brancos papéis santos e aos negros papéis demoníacos, são vistos pela sociedade de maneira naturalizada, sendo muito comum que o negro, em especial dentro da obra, a figura de Zumbi, seja figurada como ruim, e a Princesa Isabel como santa, posto que esses discursos, infelizmente, estão arraigados na cultura desde muito tempo.

Isso evidencia a inocência, não só da personagem principal do livro, mas também dos personagens secundários e se configura como uma forte crítica ao processo de disseminação da história e da cultura africana e afrodescendente no Brasil, negligenciada fortemente na sociedade ainda hoje, mesmo depois de sancionada a Lei 10.639/2003 citada anteriormente. Tal fato manifesta, além do descuido com a diversidade étnica, uma demonstração de como o global afeta diretamente quem somos, uma vez que nos constituímos também de história e de memória individual e coletiva. Pensando nisso, ressaltamos o pensamento de Hall (2002) quando ele explica que é “mais difícil unificar uma identidade nacional em torno da raça”, e, quando falamos em raça estamos diante de discussões que tangem a uma diferenciação histórica não somente física, mas social, que é de fato injusta, segregadora e, sobretudo, ilógica.

Depois de abdicar de usar a imaginação na comunicação com os animais, visto que era incompreendida pela família, a menina decide, apesar do cansaço pelas injúrias sofridas por parte das outras crianças, socializar-se com os colegas. Assim, no capítulo *Viagens*, Geni descreve como adora realizar passeios imaginários no vai e vem do balanço localizado sob a paineira, porém as viagens são curtas pela quantidade de crianças que também esperam para se balançar. Ela até pensa em ir sozinha ao balanço, mas logo se depara com o medo de encontrar o Saci, personagem folclórico negro e brincalhão, que, na visão de Geni, rouba as crianças das mães, especialmente as de descendência africana, como notamos no seguinte trecho: “[...] dias atrás, tinha dado sumiço em duas: na Cidinha, filha do *João Preto Boiadeiro*, da fazenda Quebra-Pote, e na Creonice, filha da dona *Maria Mulata*, que morava no sítio Das Palmeiras.” (GUIMARÃES, 1998, p. 43, grifo nosso). Nessa medida, vemos

também que os personagens citados são identificados pela cor (João Preto Boiadeiro e Maria Mulata) como uma marca de reconhecimento.

Após negociar com as outras crianças um determinado número de balançadas, a fim de conseguir mais tempo para realizar longas viagens à praia e às cidades imaginárias, Geni é empurrada do balanço e hostilizada porque ultrapassou o limite de balançadas estabelecido anteriormente: “- Ladrona! Você deu vinte, mais vinte e mais uma. *Boneca de piche, cabelo de bom-bril!*” (GUIMARÃES, 1998, p. 45, grifo nosso). A protagonista chora desesperadamente e afirma que as ofensas são corriqueiras, mas apenas lamenta o fato de não ter concluído a viagem imaginária. Os conselhos da mãe são de que Geni finja não ter ouvido as ofensas, com o intuito de protegê-la de situações constrangedoras pelas quais provavelmente já havia passado/passa/passará, porém a menina expõe para os leitores que já está cansada de tal atitude. Essas ofensas influenciam e ilustram o quão difícil é para a personagem aceitar suas características fenotípicas num sentido afirmativo de construção da sua identidade étnico-racial negra dentro desse universo impregnado pelo desrespeito ao natural de cada um.

A imagem de Geni é inferiorizada por apelidos que desvalorizam, principalmente, seu cabelo, ícone de representatividade identitária negra, mas não só, desde a infância, é alimentado o medo por pessoas de sua própria cor, por meio do que escuta falar de outras pessoas. Nesse sentido, Grada Kilomba (2019), em seu livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, explica que a mulher negra é “[...] forçada a se identificar com imagens de *negritude* que não são desejadas, mas sim impostas. A percepção de si ocorre, portanto, no nível do imaginário *branco* e é reforçada diariamente para o *sujeito negro* através de imagens coloniais, terminologias e línguas.” (KILOMBA, 2019, 151, grifos da autora).

A obra retrata, também, o lugar onde Geni sofre os mais variados tipos de insultos por ser negra: a escola, lugar onde as diferenças são acentuadas e que, idealmente, deveria ser o espaço para a desconstrução de qualquer estereótipo, preconceito ou racismo. É também na escola que as crianças passam a maior parte do tempo, lá trocam as mais variadas experiências e, sobretudo, adquirem certas percepções, na maioria das vezes distorcidas, sobre si mesmas e sobre os outros. No capítulo *Tempos escolares*, é notória a inferiorização da criança negra em relação à criança branca quando Geni contesta para a mãe o fato de ter que ser cuidadosa com os detalhes na hora de ir para escola, enquanto a colega de classe não precisa se preocupar com sua aparência, simplesmente por ser branca: “- Mas a Janete do seu Cardoso vai de ramela no olho e até muco no nariz e... – Mas a Janete é branca – respondeu minha mãe, antes que eu completasse a frase.” (GUIMARÃES, 1998, p. 48). Demonstrando assim que Geni não aceita a conformação da mãe, tampouco aceita ser maltratada ou tratada diferente apenas por ter a cor da pele diferente. O fato de achar que pode fazer, por exemplo,

a mesma coisa que Janete é uma evidência de que ela se via igual, no sentido de ter os mesmos direitos, enquanto que a mãe, de uma geração anterior, tinha uma postura mais submissa.

Outro trecho evidencia os conselhos da mãe para que Geni não se meta em “confusão”, principalmente com o filho do patrão de seu pai (que sempre a insulta de “negrinha”), visto que “a corda rebenta do lado mais fraco” (GUIMARÃES, 1998, p. 52). Assim, a imposição da mãe é acatada por Geni, que tem medo de ser maltratada e xingada pelas outras crianças, o que influencia a protagonista a ter uma certa resistência em assumir sua cor. Notamos isso pela inocência em pensar que o sucesso na escola depende de acatar os conselhos da mãe, em tomar cuidados necessários com a roupa e com a higiene, pois é preciso estar sempre limpa, como também em camuflar a cor de sua pele negra com pó de arroz: “a minha mãe recomendava e eu ia de lá para cá. Saia azul, blusinha branca. Alpargata nova nos pés. Pó-de-arroz por todo o corpo.” (GUIMARÃES, 1998, p. 52).

O fato de Geni, nesse momento da narrativa, sentir que faz parte de um mundo onde não é aceita e sempre precisa empenhar-se para se encaixar, é explicado porque, de acordo com Neusa Santos Souza (1983) em sua obra *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, “a ideologia de cor é, na verdade, a superfície de uma ideologia mais daninha, a ideologia do corpo. (...) Uma visão panorâmica, rapidamente, nos mostra que o sujeito negro ao repudiar a cor, repudia, radicalmente o corpo.” (SOUZA, 1983, p. 05).

Notamos também que a obra tem um tom de denúncia acerca da relação da professora com a menina negra. Além do tratamento rígido com Geni, a professora, após ser beijada pela personagem, que, finalmente resolve criar coragem para beijá-la, limpa o rosto por conta do beijo da menina. Ainda segundo Souza (1983), na tentativa de suprimir todos os direitos do sujeito negro, criaram-se mitos acerca de associações do negro com aspectos negativos e, entre eles, está o mito do negro sujo: “O sujo está associado ao negro: à cor, ao homem e à mulher negros. A linguagem gestual, oral e escrita institucionaliza o sentido depreciativo do significante negro.” (SOUZA, 1983, p. 29). Portanto, a imagem desse momento na narrativa contrasta a diferenciação racial consciente da personagem e nos faz perceber, mais uma vez, como Geni se sente inferiorizada ao compreender que as pessoas faziam a ligação absurda de negros com sentimentos negativos e, nesse caso, associados à sujeira:

Dona Odete, com as costas da mão, limpava a *lambuzeira* que eu, inadvertidamente, havia deixado em seu rosto. Pude ver então sua mão, bem na palma. Era branca, branca. Parecia a asa da pomba que sempre pousava no telhado da casa de dona Neide do seu João Preto. Será que a asa da pomba era mão, ou será que mão de gente é que era asa? (GUIMARÃES, 1998, p. 55, grifo nosso).

É importante ressaltar que o modo como as pessoas que, historicamente, realizaram grandes atos de bondade, e que são exaltadas pelas personagens no texto, são pessoas brancas, em detrimento

daquelas que resistiram pelo povo negro, a exemplo de Zumbi dos Palmares. Podemos ver que a Princesa Isabel, tida como santa após assinar uma lei que libertava – e não libertava – as pessoas escravizadas, é exaltada por Geni. Da mesma forma, a protagonista se culpa por “sujar” a professora branca e compara a palma de sua mão a asa de uma pomba, simbologia que sugere sentimentos de bondade, como quando comparamos uma pomba branca a ideias de paz, de limpeza etc.

A personagem principal chega a fazer um poema em homenagem à princesa, que, após muita insistência da menina, foi concedido ser lido no dia em que se comemora a consciência negra na escola. O poema é o seguinte: “Os homes era teimosos/ E os donos deles era bravo/ Por isso a linda Isabel/ Soltou tudo us escravo/ Foi boa que nem um doce/ E parecia um mel/ Acho que é irmã de Deus/ Viva a Princesa Isabel” (GUIMARÃES, 1998, p. 64). O poema descreve a “Santa” Princesa Isabel da maneira como a menina soube das histórias através de Nhá Rosária, por isso a escolha de um léxico que pressupõe bondade, por meio das palavras “doce” e “mel”; assim como descreve seus descendentes como homens teimosos, isto é, resistentes, fortes. Contudo, antes de recitar o poema para toda a escola, a professora discursa pelo menos quinze minutos acerca da libertação dos escravos e é nesse momento que Geni percebe a visão do branco sobre a história do negro e, com mais intensidade do que em qualquer outro momento, entra em conflito com a sua identidade étnico-racial:

Vi que sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosária. Aqueles eram bons, simples, humanos, religiosos. Eram bobos, covardes, imbecis, estes me apresentados então. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos. Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo! Quis sumir, evaporar, não pude. Apenas pude levantar a mão suada e trêmula, pedir para ir ao banheiro. Sentada no vaso estiquei o dedo indicador e no ar escrevi “Lazarento”. Era pouco. Acrescentei “morfético” (GUIMARÃES, 1998, p. 65).

A partir disso, notamos que a percepção da protagonista sobre os afrodescendentes decaí, por agora fazer uso das palavras “lazarento” e “morfético”, que sugerem sentidos ruins como doenças e xingamentos. Depois disso, a personagem principal começa a enfrentar uma crise de identidade, dúvida não só da capacidade de sua raça, mas de seus antecessores, portanto, de sua etnia:

Vinha mesmo era de uma raça medrosa, sem histórias de heroísmo. Morriam feito cães... Justo era mesmo homenagear Caxias, Tiradentes e todos os Dom Pedro da História. Lógico. Eles lutavam, defendiam-se e ao seu país. Os idiotas dos negros, nada. Por isso que meu pai tinha medo do seu Godói, o administrador, e minha mãe nos ensinava a não brigar com o Flávio. Negro era tudo mole mesmo. Até meu pai, minha mãe... por isso é que eu tinha medo de tudo, o filho puxa ao pai, que puxa ao avô, que puxou ao pai dele, que puxou... E eu conseqüentemente ali, idiota fazendo parte da linha (GUIMARÃES, 1998, p. 67).

Assim, a jovem menina demonstra revolta e uma crise de pertencimento, nega-se a aceitar, conscientemente, as heranças genéticas que compõem sua identidade. Dessa forma, as ideias de camuflar a cor de sua pele, a dúvida do início do texto de que a tinta de sua pele poderia deixar de ser preta, o alívio em não sentir a obrigação de chamar o irmão de Jesus, visto que ele é negro, são seguidas de mais um ato de negação racial, quando, após toda a frustração na escola, a garota esfrega com o pó restante de tijolos triturados, utilizados pela mãe para limpar as panelas, a barriga de sua perna:

Assim que terminou a arrumação, ela voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele. Daí, então, passei o dedo sobre o sangue vermelho, grosso, quente e com ele comecei a escrever pornografias no muro do tanque d'água (GUIMARÃES, 1998, p. 69).

Aqui, Geni demonstra um ato concreto contra seu corpo negro, considerado por nós o mais forte dentro de todo o contexto. Tentar arrancar o negro da pele demonstra o quão persuadida pela ideologia branca está a protagonista do texto. Desde a infância, a personagem encontra-se em conflito, pois que se apropria de mitos relacionados ao sujeito negro que acabam tornando difícil a aceitação de sua pele. Como afirma Souza (1983):

O irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico são as principais figuras representativas do mito negro. Cada uma delas se expressa através das falas características, portadoras de uma mensagem ideológica que busca afirmar a linearidade da “natureza negra” enquanto rejeita a contradição, a política e a história em suas múltiplas determinações (SOUZA, 1983, p. 27-28).

Ao se apropriar de tais mitos, especialmente dos evidenciados pela professora, Geni entende que as atitudes das pessoas escravizadas tanto quanto de seus pais podem ser justificadas agora pelo medo, sentimento desprezado pela protagonista. No entanto, as proporções que o ato de se mutilar toma se estendem o suficiente para tocar a alma da protagonista e ampliar uma visão de mundo mais diversificada e que inclui o seu próprio eu, desde então estigmatizado pelas feridas provenientes de forças da classe dominante que visam e versam sobre um mercado global que interfere diretamente no modo como nos vemos e nos sentimos. A partir disso, a visão da protagonista começa a mudar: “Dentro de uma semana, na perna só uns riscos denunciavam a violência contra mim, de mim para mim mesma. Só ficaram as chagas da alma esperança o remédio do tempo e a justiça dos homens.” (GUIMARÃES, 1998, p. 69).

O texto evidencia, também, a exclusão do negro na ocupação de cargos sociais, quando o pai de Geni afirma ser um sonho impossível ter uma filha graduada. No capítulo *Alicerce*, a protagonista

revela, em conversa com o pai, o desejo de tornar-se professora, a fim de que possa, como forma de reparação social, fazê-lo esquecer das durezas da vida. Também constatamos uma mudança de perspectiva em relação à sua cor, quando expõe ao leitor um descontentamento depois do comentário equivocado feito pelo administrador da fazenda em que trabalha seu pai:

- Não tenho nada com isso, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo, estudar filho é besteira. Depois eles se casam e a gente mesmo...

A primeira besteira ficou sem resposta, mas a segunda mereceu uma afirmação categórica e maravilhosa que quase me fez desfalecer em ternura e amor.

- É que eu não estou estudando ela pra mim – disse meu pai. - É pra ela mesmo. (GUIMARÃES, 1998, p. 73).

Posteriormente, em conversa com seu pai, Geni desenvolve um novo olhar para sua raça. Além de expor o desejo de ser professora no futuro, por ser também o desejo de seu pai, a jovem revela uma atitude não mais comprometida em negar as qualidades de sua raça, posto que questiona o pai quanto à cor de Deus, por achar que ele deveria assumir o posto do senhor dos céus quando morresse, pelo fato de ser muito bondoso. A partir desse momento, nota-se uma crescente afirmação de uma identidade étnico-racial em formação, uma vez que, a identidade “é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento.” (HALL, 2002, p. 38). Ali, o pai de Geni é colocado no lugar de uma divindade suprema, ao contrário da visão que tinha do irmão mais novo ao nascer, que não podia ser comparado a Jesus por ser negro.

Mulher, título do oitavo capítulo da obra, descreve, de forma breve, a evolução física e psicológica da personagem, que passa por um momento de descoberta do seu próprio corpo, o crescimento dos seios, a sua primeira menstruação, e afirma-se como uma mulher em potencial:

Mulher, terminando o ginásio. Mulher, cursando o normal, a caminho do professorado, cumprindo o prometido. Mulher, se fazendo, sob imposições, buscando forças para ser forte. Mulher, rindo para esconder o medo da sociedade, da vida, dos deslizes dos passos. Mulher, cuidando da fala, misturando palavras, pronúncias suburbanas aos mil modos de sinônimos rolantes no tagarelar social requintado. Mulher, jogando cintura, diante das coações e preconceitos. Mulher, contudo e apesar, a um passo do tesouro: o cartucho de papel (GUIMARÃES, 1998, p. 81).

Essa descrição demonstra mais um fator de composição da identidade de Geni, a mulher que se tornara a partir desse instante deixa para trás a visão diferenciada e limitada que percebia através do olhar dos outros e passa a desconstruir a visão dos outros sobre ela, como notamos nos últimos capítulos da narrativa. Nessa medida, a narrativa, em consonância com o que explicita Souza (1983),

manifesta criticamente a ideia de percepção de identidade de Geni enquanto mulher negra, que não nasce identificando-se enquanto tal, mas torna-se ao longo do caminho:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (SOUZA, 1983, p. 17-18).

Em *Momento cristalino*, Geni e sua família se preparam para o grande dia em que a, agora, mulher adulta, recebe o diploma de professora e discursa como oradora da turma com grande orgulho. A personagem principal, em seu momento cristalino, não manifesta mais nenhum incômodo com quem ela é e até chega a se autodenominar como princesa: “Eu, princesa, entreguei meu certificado ao rei, que o embrulhou no lenço de bolso passou a carregá-lo como se fosse um vaso de cristal.” (GUIMARÃES, 1998, p. 85).

A mulher ganha uma voz afirmativa e resistente. Embora as questões dela para com ela mesma estivessem resolvidas, ainda recebe os olhares torcidos da sociedade. Porém, agora, lida com isso de forma mais madura e com a intenção de mudança de tais comportamentos. A personagem se mostra transgressora, enfrenta o racismo, nesse momento, por parte de seus próprios alunos e reverte a discriminação nas últimas páginas da obra, evidenciando, assim, o fato de que é humanamente igual a todos:

E sentimentos placentários escaparam do útero, meu útero das minhas raízes, grafaram as leis regentes de todos os meus dias. Sou, desde ontem da minha infância, bagagem esfolada, curando feridas no arquitetar conteúdo para o cofre dos redutos. Messias dos meus jeitos, sou pastora do meu povo cumprindo prazerosa o direito e o dever de conduzi-lo para lugares de harmonias. Meu porte de arma tenho-o descoberto e limpo entre, em cima, embaixo e no meio do cordel das palavras (GUIMARÃES, 1998, p. 93).

Assim, percebemos que, perpassando as fases de sua vida, Geni acaba por afirmar sua identidade étnico-racial negra depois de negá-la, após ser confrontada com os mais diversos tipos de discriminações vindas da sociedade. Notamos, também, que é a partir da história contada pela visão do branco que a personagem principal começa a contestar o modo como sua história e de seus ancestrais são contadas. A conversa com seu pai apenas reforça a potência de seus antepassados e a força que Geni possui. Tais fatos impulsionam a protagonista a olhar para si com os olhos de dentro, que enxergam em seu corpo grande capacidade de se reerguer para organizar seu lado de fora, fazendo com que Geni enxergue com mais amor quem ela é, quem ela tem e o lugar a que ela pertence.

Considerações finais

A narrativa analisada atribuiu à protagonista negra um nome, uma história, sentimentos e emoções que foram expostos ao leitor de maneira lúdica e poética, sendo considerada, a partir deste estudo, como uma importante produção infantojuvenil de nossa literatura brasileira. *A cor da Ternura* traz consigo não somente traços autobiográficos da autora Geni Guimarães, como também, conta a história de milhares de crianças negras, que têm suas memórias enterradas pela história, sendo valiosa por representar, de maneira lúdica, conflitos existenciais gerados através de ações racistas banalizadas pela sociedade.

A obra apresenta os conflitos existenciais, o racismo, os medos e as dúvidas sofridas no dia a dia da personagem negra que enxerga a vida com os “olhos de dentro”. A análise da obra possibilitou a compreensão da busca pela afirmação identitária negra surgida a partir da superação de discriminações enfrentadas ao longo da narrativa. Sendo assim, notamos que Geni constrói sua identidade étnico-racial após negá-la, a partir de suas experiências diárias. No caso da protagonista da obra, ela se encontra em um universo em que sua cor e seu pertencimento são postos à prova em detrimento do padrão eurocêntrico.

Notamos a escolha de um léxico e ideais arraigados à cultura eurocêntrica em que a personagem está inserida, no intuito de mostrar, a princípio, o porquê da não aceitação da identidade étnico-racial da protagonista. Esses aspectos somam-se às dúvidas e inseguranças provenientes do tratamento que ela recebia da sociedade. Contudo, notamos que, ao passar do tempo, pelas discriminações sofridas e pelo conhecimento que adquiriu de mundo, a personagem demonstra uma reviravolta no modo como se vê e é percebida pelos outros, passando a aceitar e afirmar, com grande orgulho, quem, de fato, é.

Reforçamos, ainda, que as questões étnicas acabam por ser elementos políticos dentro da sociedade moderna, portanto merecem maior cuidado e espaço para discussões. Nesse sentido, as ponderações feitas a partir da Lei 10.639/03 nos permitiram compreender que os direitos básicos dos afrodescendentes necessitam ser respeitados também no âmbito escolar, como forma de combate a possíveis pré-conceitos e preconceitos sustentados por aqueles que ainda não têm o conhecimento democrático da história e disseminam esses tipos de discriminações por meio de falsas afirmações acerca das contribuições dos africanos para a construção da cultura brasileira.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BRASIL. **Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. D.O.U. de 10/01/2003.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Volume II. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**. São Paulo, FTD, 1998.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no imaginário cristão**. 2 ed. São Paulo: EDUSC, 2002.
- OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Personagens negros na Literatura Infanto-Juvenil: há muito fazer-dizer, há muito de palavra-ação. In.: SILVIA, Márcia Tavares; RODRIGUES, Etienne Mendes. (Orgs). **Caminhos da Leitura Literária: Propostas e Perspectivas de um Encontro**. Campina Grande: Bagagem, 2009. P. 156-176
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

Emanuelle Valéria Gomes de Lima

Doutoranda em Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB). E-mail: emanuelle.limaa@hotmail.com

Maria Simone Marinho Nogueira

Doutora em Filosofia pela Universidade de Coimbra.
Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade e Professora Associada do Departamento de Filosofia. Ambos da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: mar.simonem@gmail.com